

Benveniste: enunciação, manualização e disciplinarização

Karina Giacomelli

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria - Brasil

Resumo

O lugar ocupado por Benveniste no manual de introdução a lingüística é apresentado como um processo de disciplinarização de uma teoria científica.

Palavras-chave: enunciação - manualização - disciplinarização

Abstract

The role played by Benveniste in the manual of introduction to linguistics is presented as a process of disciplinarization of a scientific theory.

Key words: enunciation - manualization - disciplinarization

Introdução

Este artigo tem como objetivo verificar a referência a Benveniste na lingüística brasileira, ou seja, qual o lugar ocupado pelo autor em um manual de lingüística.

Escolheu-se, para a análise, a coleção *Introdução à Lingüística*¹ por dois motivos principalmente: pela sua atualidade, visto que, na última década, este foi

o primeiro trabalho de introdução à ciência da linguagem publicado no Brasil; e pela sua amplitude, uma vez que a obra procura apresentar as principais correntes da lingüística, bem como os fundamentos epistemológicos de cada campo.

É justamente esse panorama tão abrangente que vai permitir definir quais orientações dessa ciência se evidenciam como necessárias para que se tenha um panorama geral dos estudos da linguagem no país. Explicando melhor: da diversidade dos enfoques possíveis para se estudar a linguagem no domínio específico da lingüística, algumas se estabelecerem em disciplinas acadêmicas. Há uma relativa unanimidade na área; ou seja, há um conjunto de disciplinas que é comum à maioria dos cursos. São justamente essas as que se espera estarem representadas em um manual de introdução destinado aos estudantes universitários, refletindo a organização da lingüística no âmbito do ensino.

Por ser um campo essencialmente heterogêneo, a enunciação, e, por conseqüência, as teorias da enunciação, disciplinarizaram-se da mesma forma variável e heterogênea que as teorias de referência desse campo. Por isso as várias correntes que tratam do tema e por isso, também, a escolha, pelo pesquisador, de uma delas para seu limite de trabalho. Isso se reflete no ensino de lingüística, na universidade – sendo especialista em um determinado campo, o lingüista, que no Brasil também é professor universitário, acaba por privilegiar determinada área². Esta acaba por firmar-se na tradição acadêmica através dos grupos de pesquisa orientados na instituição. Dessa forma, quando são organizados os manuais de introdução à lingüística, parece óbvio que irão receber espaço as teorias já estabelecidas como disciplinas.

Interessa, nesse sentido, verificar como Benveniste é citado nesses manuais, considerando-se a variedade das teorias que tratam da enunciação e a falta de um espaço institucionalizado para uma lingüística da enunciação com base na teoria do autor. Ou seja: considerando que não se pode deixar de referir Benveniste em qualquer campo que trate da enunciação em seu escopo teórico, uma vez que se deve a ele a conversão da língua a discurso, como essa referência é feita nas diversas correntes que se apresentam manualizadas?

Como essa coleção analisada se organiza a partir de correntes lingüísticas, pretende-se, então, apontar se e como o processo de disciplinarização recorre ao modelo progressivo, ou seja, a busca por uma igualdade disciplinar através do agenciamento de alguns aspectos das escolas lingüísticas anteriores a fim de legitimar a sua própria corrente numa continuidade científica. Nesse sentido, quais disciplinas citam Benveniste e como? Quais silenciam e por quê?

1 Manualização dos saberes e disciplinarização

Para Puech (1999: 15), a manualização dos saberes lingüísticos é um dos aspectos de um processo mais amplo, a disciplinarização. Inserida nesse campo, essa questão é tratada como ocasião da possibilidade de se confrontar dois tipos de contextualização: o da constituição dos saberes “savantes” e o do mundo escolar³. A manualização aconteceria, então, no ponto onde eles convergem, refletindo uma representação dos saberes disciplinares, isto é, da disciplina enquanto matéria de ensino e complexidade de conteúdos.

O autor considera que a disciplinarização da enunciação não começou com a sua introdução teórica, uma vez que não se trata de uma teoria homogênea, mas de uma constelação de teorias de referência que foram exploradas de acordo com a ocasião, o desejo e os imperativos didáticos variáveis do campo escolar: “En effet, s’il n’exist pas, dans le champ des ‘savoirs savantes’ une théorie homogène de l’énonciation, un sens univoque associé au terme discours, il est bien difficile de discerner au collège et au lycée un domaine d’enseignement homogène subsumable sous ces noms (...)” (idem: 10).

Desse modo, a consideração da enunciação nas teorias lingüísticas é formada por perfis disciplinares pouco homogêneos, mesmo quando elas são fortemente aparentadas. Isso acontece porque, de uma a outra, há:

- uma dupla polaridade entre os saberes savantes e as escolhas didáticas a serem feitas;
- a proximidade com o estruturalismo e a representação dos saberes – nesse sentido a enunciação pode aparecer como complemento ou como alternativa para os lingüistas das estruturas (eles mesmos pouco homogêneos);

- enfim, o peso retrospectivo de duas histórias, duas temporalidades: a da história das idéias e a das tradições escolares (história e temporalidades que levam a contextualizações diferentes). (idem: 27).

A manualização dos saberes concernentes à enunciação dá-se, então, no cruzamento de duas séries de imposições, contextualizações e histórias: (1) a da representação dos saberes em disciplinas no interior mesmo dos saberes savantes e (2) a da integração destes em um complexo de conhecimentos, práticas e objetivos no mundo escolar. O autor defende que entre elas não existe uma ruptura, mas um *continuum* de representações, mesmo heterogêneas ou alteradas. Assim, a manualização dos saberes lingüísticos “represente sans doute l’aboutissement d’un processus continu qui, de l’invention au réinvestissement des les savoir-faire scolaires, traverse plusieurs types de contraintes liées à la transmission” (idem: 28).

Uma oposição entre saberes “savantes” e saberes “enseignés” colocaria a dificuldade de uma também oposição entre uma ciência tida como “pura”, assimilada pelo saber universitário e por isso desvinculada de todas as contingências específicas da enunciação, e um discurso imerso em situações de comunicação, o que obrigaria a uma seleção, contextualização/recontextualização dos conteúdos (Chiss e Puech, 1999). No entanto, salienta Puech, nada se ganha ao enrijecer em oposição à distinção saberes “savantes”/saberes “enseignés”, pois o imperativo da transmissão é o eixo sobre o qual as práticas normatizadas da invenção e as do ensinamento se comunicam entre si.

No discurso sobre objeto e o método nem sempre pode ser possível o reconhecimento do discurso disciplinar. Isso porque condições específicas de enunciação ordenam os saberes “savantes” em condições abstratas e os estratos do discurso disciplinar, no qual as imagens da disciplina se combinam, superpõem-se e ecoam em função de estratégias variadas, depois da invenção do conhecimento até sua socialização mais ampla. As condições de produção de um discurso disciplinar requerem que o especialista opere um descentramento pelo qual sua adesão às marcas, normas e valores disciplinares não fale por si, mas se materialize e se comunique: “la discipline est moins um état de fait qu’un processus toujours

dejà commencé et recommencé” (idem: 19).

De acordo com Puech (1999), o processo de didatização dos saberes se estabelece graças a um grupo profissional que assume a mudança no rumo das pesquisas até então dominante, estabelecendo um novo campo de pesquisa através de uma balizagem axiológica, retrospectiva e projetiva de uma área em vias de disciplinarização. A enunciação, nesse sentido, foi estabelecida como campo científico em uma relação que ora se ligava ora rompia com o estruturalismo lingüístico. No entanto, afirma o autor, o esforço de disciplinarização dos saberes feito a partir do discurso de exposição não está limitado à simples apresentação de um domínio pré-existente, pois aí se organizam a acumulação de conhecimentos e as “descobertas” feitas no tempo, agenciando uma trama narrativa. Assim, “en son sein, l’héritage exposé n’est que la propédeutique à la novation.” (idem: 19).

Para os “inventores do saber” a preocupação com a transmissão e com a contextualização dos conhecimentos pode não ser seu primeiro interesse, mas eles não podem ignorá-los. Chiss e Puech (1999) apontam que a transmissão de conhecimento e as modalidades de representação disciplinar estão ligadas no trabalho do pesquisador. Desse modo, o esforço dos lingüistas para construir a representação disciplinar que situa seu trabalho implica:

- que certa autonomia do discurso disciplinar explícito possa ser determinada;
- que o discurso disciplinar seja concebido a partir de um campo balizado pela vulgarização do conhecimento científico e de um campo mais vasto e menos determinado no qual o especialista é levado a contextualizar seus trabalhos, abordagem do objeto, procedimentos de análise, etc., ao se dirigir a seus pares: ou a outros especialistas da mesma disciplina ou de outras disciplinas, ou a representantes de instituições científicas. (idem: 17)

Configura-se, portanto, um imbricamento entre a transmissão e a representação disciplinar que cada lingüista dá de seu trabalho, tornado a transmissibilidade do saber um transbordamento do campo da vulgarização, ao implicá-lo. É por isso, segundo os autores, que o discurso esotérico do especialista não pode ignorar a necessidade exotérica de se situar para se transmitir.

A exposição dos saberes deve, às vezes, mostrar de quais tradições depende, qual grau de inovação realiza e em quais divisões de conhecimento implica (Puech, 1999). Assim, está ligado a um discurso coercivo que porte essa exposição de saberes e assegure a sua transmissibilidade segundo modalidades variadas.

Dando como exemplo o caso da entrada do estruturalismo na escola e nos manuais nos anos 1970, Puech (idem: 20-21) aponta que a representação dos saberes próprios a esse campo foi marcada, pelo menos, de cinco maneiras: (1) identificação da cientificidade que, na maioria dos casos, “congelou”, as dicotomias saussurianas; (2) homogeneização de um campo intelectual apesar da diversidade de escolas lingüísticas, em um esquecimento das tradições que o viram nascer; (3) reforço dialético da homogeneidade do estruturalismo pelo seu sucesso fora da lingüística e da esperança que nasce em todo campo das ciências humanas; (4) reivindicação da autonomia da lingüística fundada sobre a concepção da língua-sistema; e (5) a referência a um fundador modulada em função de revisões e modificações incessantes, mas garantia de uma coerência disciplinar que forneceria as fronteiras da memória.

Para o autor, a enunciação e as condições “savantes” de sua introdução nos saberes “enseignés” não correspondem às mesmas do estruturalismo lingüístico. A materialização das teorias da enunciação é recente, o que não caracteriza uma referência à memória, nem se apresenta como um projeto homogêneo, pela compartimentalização do domínio, impossibilidade de circunscrever um único ponto de vista e a necessidade de uma escolha epistemológica.

No entanto, se isso diz respeito às teorias da enunciação, volta-se a insistir, aqui, que uma referência à enunciação, na singularidade de uma teoria, a de Benveniste, parece satisfazer alguns dos pontos citados acima. Considerando, de uma forma geral, as citações às teorias benvenistianas, vê-se que a enunciação pela perspectiva do autor insere-se em uma dimensão histórica nos estudos da linguagem. Tomado principalmente (senão apenas) como o autor que permitiu a passagem da língua ao discurso, Benveniste, no tocante à subjetividade, intersubjetividade, dicotomias como pessoa-não pessoa, história-discurso, semiótico-semântico, teve sua teoria restrita a esses pontos, em detrimento ao tratamento do conjunto

de suas proposições. Isso faz com que seus estudos sejam apreendidos apenas pelo que está reunido na parte intitulada **O homem na língua**, nos *Problemas de Lingüística Geral* (PLG I e II), a despeito de uma vasta produção que transita pela lingüística história, lexicografia, sintaxe, semântica, etc. Também permitiu o “congelamento” de muitas noções, as quais são melhores compreendidas no conjunto de seus escritos.

A consideração do discurso e do sujeito, em uma abertura científica do estruturalismo lingüístico do qual Benveniste era, talvez, o legítimo herdeiro, encontra lugar não apenas dentro do campo estrito da lingüística, mas em outros também. Segundo Dosse (1994), ignorada nos meios lingüísticos, dominado pelo estruturalismo, a consideração do sujeito vai encontrar interessados na filosofia, psicologia, psicanálise, filosofia.

Finalmente, coloca-se que tudo o que vai se denominar de uma forma mais geral como lingüística da enunciação (no sentido de teorias da enunciação) é partidária da consideração da enunciação e, por conseqüência do sujeito. Se a primeira vem para a ciência da linguagem por duas vias principais: lingüística e filosofia, a consideração do sujeito da enunciação deve-se aos estudos de Benveniste. Fato é que, pelo menos na lingüística, qualquer tratamento do discurso não pode ser considerado se não por referência – em acordo ou discordância – dos estudos pioneiros desse autor. Nesse sentido, não é insignificante nem mesmo um silenciamento sobre tal ponto, pois há, nessa questão um ponto comum na diversidade do que viria a se constituir como estudos enunciativos da linguagem. Por isso, a figura não do fundador, mas do precursor.

Como cada corrente reivindica seu próprio fundador, a figura de Benveniste aparece como precursor dos estudos enunciativos, em alguns dos pontos em que ela trata do sujeito e da enunciação. O que falta é uma teoria que o coloque como fundador; ou seja, que novos trabalhos possam se inserir na continuidade das proposições benvenistianas, sem a necessidade de se buscar uma teoria mais “completa” para tratar fenômenos da linguagem que possam ser considerados sob essa perspectiva.

Outro ponto a se considerar para a relação da manualização da lingüística da enunciação tendo como fundamento Benveniste e o modelo do estruturalismo diz respeito à ligação entre esses dois pontos. Para Puech (1999), é o estruturalismo generalizado dos anos 1950 e 1960 que leva ao debate da dicotomia saussuriana língua-fala - isso faz com que a emergência das lingüísticas enunciativas deva ser considerada não em um antagonismo radical dessa corrente, mas na sua gênese, evolução e contradições. Esse é, claramente, o ponto de vista de Benveniste para quem o tratamento da enunciação emerge do paradigma estruturalista tal como está disciplinarizado por Chiss e Puech (1994, 1995, 1999). No autor, a dimensão enunciativa revela sempre um déficit de fundação a combater ou uma extensão a cumprir. Ou seja, de uma problemática que só pode se desenvolver a partir de retornos incessantes.

Segundo Puech (1999: 26), o estatuto da lingüística, em Benveniste está sempre referido a um futuro indeterminado, a um horizonte projetivo ideal no qual a semiologia, a semântica, o discurso são projetos que dão sentido aos seus desenvolvimentos atuais. É uma perspectiva de fundação, na qual se busca o destino da significação não somente na lingüística, mas nas outras disciplinas da cultura:

D'une manière plus générale, les considérations disciplinaires et interdisciplinaires que ont accompagné le développement de la linguistique structurale selon des modalités variées mais omniprésentes concernent surtout, chez Benveniste, la modalité prospective. Comme chez Saussure, elles concernent davantage la perspective ou le principe d'une science générale de la culture, ou d'une refondation de la sémiologie conçu comme horizon, que l'analyse linguistique actuelle, ou le souci d'assigner un statut à la linguistique dans le champ des sciences humaines instituées. (Puech, 1997: 390).

Desse modo, o ponto de vista disciplinar é sempre um ponto de vista integrador, implicando relações, representação do saber como unidade articulada, construção de um campo homogêneo a partir de uma ontologia ao menos implícita. A via mais usada para isso é aquela que iguala os diferentes aspectos da disciplina através da sucessão de escolas lingüísticas, assimiladas em diferentes momentos da ciência ao mesmo tempo necessários e ultrapassados. Por isso,

“ce modèle *progressif* est pratiquement inévitable quand il s’agit à la fois de légitimer l’état présent (assimilé à la nouveauté) de la discipline sans sacrifier la continuité dont elle procède” (Chiss e Puech, 1999: 22).

2 O manual dividido entre disciplina e epistemologia

Nos dois primeiros volumes da coleção *Introdução à lingüística* aparece o subtítulo *domínios e fronteiras*. É nesse sentido que as autoras procuram organizar os diferentes capítulos dos livros, o que está especificado na *Introdução*, na qual colocam que um dos objetivos é expor “uma apresentação geral e gradual das principais áreas da Lingüística no Brasil”, da seguinte maneira: “(i) histórico da área; (ii) bases epistemológicas; (iii) diferentes vertentes da obra; (iv) análise de dados.” (p. 15). Salientam, no entanto, que, devido à especificidade de cada área e estilo de cada autor, os capítulos podem não seguir exatamente essa divisão, o que, de fato, é comprovado na leitura de cada um.

No primeiro volume são tratadas a Sociolingüística (em duas partes), a lingüística Histórica, a Fonologia, a Fonética, a Morfologia, a Sintaxe e a Lingüística Textual. No segundo aparecem: Semântica, Pragmática, Análise da Conversação, Análise do Discurso, Neurologia, Psicolingüística, Aquisição da Linguagem e Língua e Ensino.

Benveniste é citado em apenas quatro desses campos: Sociolingüística, Lingüística Textual, Semântica e Pragmática. No capítulo sobre Análise do Discurso aparece apenas na Bibliografia em uma nota de rodapé. À exceção dessa última, pode-se dizer que, dentre as disciplinas citadas, esperava-se, a priori, uma alusão ao autor. Considerando que é a partir de Benveniste que se abre a possibilidade de uma lingüística que trate também da fala, uma nova lingüística toda diferente em seus métodos e seus objetivos (Normand, 1994, 1995), qualquer referência ao autor é fundamental para se entender como a língua deixa de ser objeto único em um estudo científico da linguagem.

Em relação à Pragmática e à Análise do discurso, Normand (idem, p. 34)

coloca que os escritos de Benveniste, desde cedo designados como “teoria da enunciação”, serviram, à época, de ponto de apoio a essas novas pesquisas, ainda que elas se apresentem muito diferentes em seus objetivos e sua fundamentação teórica. Assim,

alors que les études françaises de pragmatique voient surtout en Benveniste celui qui permet d'échapper aux contraintes de l'analyse proprement linguistique, pour s'intéresser aux implicites du discours, aux intentions des locuteurs, aux effets visés dans les énoncés, à tout ce qui fait du discours une *action* (pragma), les travaux sur le discours de leur côté restent à ce qui, du sujet et du contexte, est observable et analysable en langue, fidèles en cela au Benveniste strictement appelé 'linguiste'; ils partent de la description du fonctionnement formel et sémantique de ces unités particulières qui constituent la *deixis*, ce que Benveniste a finalement appelé 'le appareil formel de l'énonciation' (1970), soit ces particularités de langue qu'il distingue de l'*acte* même de l'énonciation par lequel elles s'actualisent.

Por isso, o estranhamento a não citação de Benveniste no capítulo dedicado a essa disciplina, ainda mais que a alusão na bibliografia diga respeito àquilo que serviu, como se viu, de influência à AD:

BENVENISTE, E. O aparelho formal de enunciação. In: *Problemas de Linguística geral II*. Trad. E. Guimarães et. al. Campinas, Pontes, 1989. (título original, 1974).

_____. O homem na língua. In: *Problemas de linguística geral*. Trad. M. G. Novak & L. Néri. São Paulo, Companhia Editora Nacional/EDSP, 1976. (título original, 1966). (IL 2: 139)⁴

A nota de rodapé refere-se ao esclarecimento da oposição enunciação/enunciado referida no texto nos seguintes termos: “Assim, Pêcheux, visando à construção de um arcabouço teórico que lhe permitisse isso [a concepção do discurso, provinda de Harris, como uma seqüência de enunciados], passa a considerar a oposição enunciação e enunciado” (idem: 116). A autora remete, em nota, aos capítulos Semântica e Pragmática, no mesmo volume, e a Benveniste e a Searle para a compreensão da relação enunciado/enunciação. Aponta ainda a reinterpretção da noção de enunciação feita pela AD. Não esclarece, no entanto,

a partir de qual teoria ela é retomada, remetendo a Pêcheux & Fuchs para maiores esclarecimentos.

Nesse sentido, reproduz-se aqui, como de resto em toda a teoria da AD, a redução feita a Benveniste. Nem no papel histórico de precursor ele é evocado. Desde Pêcheux (1997: 175) uma redução é feita nesse sentido:

A dificuldade atual das teorias da enunciação reside no fato de que estas teorias refletem na maioria das vezes a ilusão necessária construtora do sujeito, isto é, que elas se contentam em reproduzir no nível teórico esta ilusão do sujeito, através da idéia de um sujeito enunciador portador de escolha, intenções, decisões, etc. na tradição de Bally, Jakobson, Benveniste (a ‘fala’ não está longe).

Começa a crítica à questão da enunciação em Benveniste que, ao longo do processo de institucionalização e disciplinarização das correntes lingüísticas vai conduzir o autor ao esquecimento ou a um lugar histórico de críticas ao idealismo de suas noções: o sujeito como fonte de sentido e por essa via a reintrodução do sujeito psicológico idealista na base da lingüística.

Henry (1997: 45), no entanto, afirma que o lugar secundário atribuído a Benveniste demonstra que Pêcheux “passou ao largo da enunciação” e que nenhuma das referências ao autor “mostra uma compreensão real da fenda aberta no estruturalismo pelo reconhecimento do papel da enunciação”. É o próprio Henry que evoca a “retratação” de Pêcheux que, na *Langages* 37, dirá que a ADD-69 havia sido opaca ao fenômeno da enunciação. É a partir daí que ele se apóia em Benveniste para fazer da frase a unidade do discurso, tomando o autor como o lingüista da subjetividade. Assim, antes de 1966, “parece que MP percebeu, inicialmente, em Benveniste, uma espécie de retrocesso, um retorno do sujeito psicológico, vitoriosamente banido da cena teórica por Saussure e pelo estruturalismo“ (idem: 46).

O autor lembra ainda que, segundo Normand, a enunciação teve lugar entre os lingüistas mais a partir de Jakobson que Benveniste. Tal fato, para ele,

parece explicar, em parte, a atitude de Pêcheux – a outra seria que o autor, mais preocupado com a questão do sujeito, teria investido pouco nos problemas da enunciação.

Essa explicação é um tanto vaga por pelo menos três motivos: (1) se Benveniste era, de fato, ignorado entre os lingüistas, que creditavam a Jakobson o lugar de seguidor de Saussure, não o era entre os filósofos (caso de Pêcheux); (2) Normand (1977), comparando as notas dos cursos de Benveniste assistidos por Dubois e Ricoeur, demonstra que a questão do sujeito, posta àquela época, no âmbito do estruturalismo, apenas pelo autor, interessava mais ao filósofo que ao lingüista, (novamente caso de Pêcheux); finalmente (3) se Pêcheux estava efetivamente mais interessado na questão do sujeito, como ignorar a questão da enunciação, se é por essa via que se passa, como se viu em Normand (1985), da noção de sujeito falante (recusada por Pêcheux) à de sujeito da enunciação.

Pode-se dizer, então, que a consideração da enunciação começa a ganhar maior importância em seus escritos posteriores, mas a crítica a Benveniste se mantém: “o discurso continua fundado em distorções individuais, que parece assim ‘escapar’ ao processo de produção, por uma ‘criação infinita’, uma ‘variedade sem limites’ que seria o próprio da fala (Pêcheux, 1997), ou seja, “a dualidade ideológica que associa sistema (de signos) e criatividade (individual): o ‘discurso’ não passa de um novo avatar sobre a fala.” (idem, 1975: 79).

Explica-se, portanto, tanto as críticas quanto as ausências de Benveniste na AD, no Brasil, toda ela caudatária dos trabalhos de M. Pêcheux. Se ele não foi um bom leitor de Benveniste, a disciplina que o tem como fundador também não o seria.

Em se tratando da pragmática, a relação é bem menos problemática. Isso se deve a vários motivos. Inicialmente pela consideração de um novo objeto para a lingüística – o uso. Era justamente essa a idéia da enunciação de Benveniste: o ato de transformar a língua em discurso através de seu uso efetivo por um sujeito. Por outro lado, é necessário destacar a ampla aceitação das idéias do autor no meio filosófico, resultado de um constante diálogo de Benveniste com os autores

da chamada filosofia analítica da linguagem. Finalmente, pode considerar-se que enunciação e pragmática, por tratarem algumas vezes dos mesmos fenômenos, tiveram as fronteiras de seus campos pouco delimitáveis⁵.

Na parte concernente à Pragmática, a enunciação não aparece como um domínio próprio ao campo, que trata, segunda a autora do capítulo, do pragmatismo americano, dos estudos dos atos de fala e dos estudos da comunicação.

Benveniste é citado aqui por dois motivos. O primeiro, pela já aludida relação com a filosofia analítica, na parte que apresenta os temas comumente levantados pelos estudos pragmáticos, como a classificação dos atos de fala de acordo com seus efeitos. É nesse sentido que Benveniste é evocado como um dos autores que

Pretende classificar os atos de fala. De um lado teríamos aqueles atos que seriam compostos por um verbo declarativo jussivo na primeira pessoa do presente mais uma afirmação, como *Eu ordeno que você saia.* (...) De outro lado, Benveniste propõe outro conjunto de atos de fala, atos estes que seriam compostos por um verbo com complemento direto mais um termo predicativo, tal qual *Proclamo-o eleito vereador.* (IL 2: 50-1).

O segundo motivo pelo qual ele é lembrado insere-se na confusão entre os limites enunciação-pragmática:

Vale a pena observar que, entre os autores e autoras que são referência para a Pragmática, também estão os franceses Oswald Ducrot e Émile Benveniste, e o americano H. P. Grice. Até o final da década de 1980, muitos trabalhos cuja orientação teórica está fundamentada nesses autores incluem-se na área da Pragmática. Entretanto, a evolução de seus trabalhos conferiram-lhes campos de estudos e métodos hoje separados dos pragmáticos. A Semântica Argumentativa e a Análise da Conversação são duas correntes outrora participantes do movimento que integrou componentes pragmáticos aos estudos lingüísticos. (IL 2: 51).

Interessante notar que nessa retrospectiva histórica apenas Benveniste não tem um lugar específico no restante da obra.

No capítulo sobre Semântica, há um sub-capítulo sobre Semântica Argumentativa, que trata exclusivamente de Ducrot. Benveniste é lembrado aqui apenas como influência:

A década de 1970 conheceu uma explosão de trabalhos sobre a pressuposição. Salienta-se, dentre eles, o trabalho de Oswald Ducrot que, certamente influenciado pelos trabalhos de Émile Benveniste e pela escola francesa de Análise do Discurso, se opõe veementemente ao tratamento que a Semântica formal oferece para a pressuposição em particular e para o significado em geral. suas críticas e análises possibilitaram a formação de um outro modelo: a Semântica da Enunciação.

Sobre Grice, embora a citação dê a entender que tornou possível uma nova corrente, a Análise da Conversação, na qual não há sequer uma alusão ao autor no capítulo sobre essa disciplina, ele é tratado no capítulo destinado à Pragmática mesmo, na parte destinada aos estudos da comunicação.

Percebem-se, então, as confusões e as dificuldades de delimitação entre campos e autores tanto entre correntes diferentes quanto em um mesmo domínio. A divisão de uma coleção por disciplinas traz consigo as mesmas dificuldades que a disciplinarização dos estudos lingüísticos trouxe no Brasil. Em primeiro lugar, cabe ressaltar que as próprias fronteiras do saber lingüístico se demarcam por interesses pessoais de profissionais que se identificam com uma ou outra corrente. Nesse processo, eles, muitas vezes, ignoram ou criticam outras, na busca pela completude para a explicação de um determinado fenômeno que deveria ser feito por uma teoria “completa”. Depois, o interesse pelo estudo científico da linguagem exige a construção de um objeto teórico particular a cada teoria, mas que a maior parte das vezes, precisa de mais de uma abordagem para ser explicado, mesclando campos próximos. Nesse sentido, as disciplinas não seriam concorrentes, mas complementares. Essas duas características, acredita-se, são o que fazem com que uma divisão disciplinar dos estudos lingüísticos torne-se tão complexa.

Para concluir a análise, uma nota sobre duas outras disciplinas que mantêm

relações contraditórias com o autor. No capítulo dedicado à Sociolinguística, Benveniste é citado em uma espécie de resumo do tratamento da relação linguagem-sociedade:

Assim, inicialmente, é necessário levar em conta que os estudiosos de fenômeno lingüístico, como homens de seu tempo, assumiram posturas teóricas em consonância com o fazer científico da tradição cultural em que estavam inseridos. (IL 1: 21-2).

Em consonância com essa idéia, Saussure é citado como tendo realizado o recorte necessário para a escolha do objeto que tornaria a lingüística uma ciência, a língua, excluindo toda “a consideração da natureza social, histórica e cultural na observação, descrição, análise e interpretação do fenômeno lingüístico” (idem, *ibidem*). Esta ficará, pois relegada à fala, da qual se ocupará uma Lingüística Externa, em oposição à Lingüística Interna. Dentro da primeira, o modo de tratar e de explicitar a relação entre linguagem e sociedade “constitui um dos grandes ‘divisores de águas’ no campo da reflexão da Lingüística contemporânea”. Desse modo,

A tradição de relacionar linguagem e sociedade, ou, mais precisamente, língua, cultura e sociedade, está inscrita na reflexão de vários autores do século XX. Integrados ou não à grande corrente estruturalista, que ocupou o centro da cena teórica, particularmente, a partir dos anos 1930, encontramos lingüistas cujas obras são referências obrigatórias, quando se trata de pensar a questão do social no campo dos estudos lingüísticos. Não caberia, aqui, enumerar todos esses estudiosos, mas uma breve referência a alguns nomes, ligados ao contexto europeu, impõe-se: Antoine Meillet, Mikhail Bakhtin, Marcel Cohen, Émile Benveniste e Roman Jakobson. (IL 1: 24).

Citando os dois modos de leitura relacionados por Normand (1994/1995), vê-se aqui a leitura da sociolinguística que coloca Benveniste como um dos leitores que permite sair do imanentismo lingüístico, ainda que no âmbito específico do estruturalismo. Ora, a sociolinguística é uma das correntes que vai tratar especificamente o fenômeno fala, não o revestindo ou o reinterpretando sob

nenhuma outra denominação.

A própria consideração de Benveniste, que trata da passagem da língua ao discurso, não é consenso entre os sociolinguistas. Algumas vezes ele é colocado como um estruturalista, seguidor de Saussure, em um apoio ao interno defendido pelo mestre, outras vezes sequer é citado, colocando-se a disputa entre externo e interno originando-se em Meillet.

Assim, a apreensão da relação linguagem-sociedade, via Benveniste, é uma forma de destacar a importância do autor como precursor, na lingüística, de se pensar na linguagem de uma maneira mais geral, não apenas presa ao sistema língua. Ainda que não se considere o conjunto da obra do autor, na qual essa relação está inserida, são destacadas aqui as propriedades da linguagem de simbolizar, de ser exercida por um indivíduo (a noção de uso lingüístico), de servir de instrumento de comunicação, mediando a relação do homem com os outros homens ou de analisar a realidade, dando forma à realidade. Percebe-se, portanto, que há um recorte que retira de Benveniste aquilo que é necessário à teoria sociolingüística em seu percurso histórico. O papel de um precursor histórico, o qual vai permitir que, a partir de seus estudos iniciais, outras teorias se desenvolvam, sem recusar ou esquecer o que vem antes.

Nesse mesmo sentido de retomada histórica, aparece a última citação de Benveniste nas duas obras, dedicadas às disciplinas lingüísticas. No capítulo dedicado à Lingüística Textual também se tenta reconstruir o percurso que leva à abertura do objeto da ciência da linguagem:

Denise Maldidier, Claudine Normand e Régine Robin, em texto da década de setenta, intitulado discurso e Ideologia: bases para uma pesquisa, apresentam um breve histórico da constituição do campo dos estudos do discurso da França, discutindo resumidamente os interesses e os problemas das abordagens semiológica (Roland Barthes, Greimas), das pesquisas sobre as pressuposições (Oswald Ducrot) e da elaboração do conceito de enunciação (Émile Benveniste), para então apresentarem os interesses da chamada Análise do Discurso de linha francesa. Todas essas abordagens podem ser vistas como fazendo parte deste esforço teórico, iniciado na década de sessenta, de construir uma Lingüística para além dos limites da frase, a chamada “Lingüística do Discurso”. (IL 1: 246).

Aparece finalmente a primeira citação que faz alusão ao conceito teórico mais conhecido do autor – Benveniste como o lingüista da enunciação, denominação pela qual ele é amplamente conhecido no meio lingüístico, atualmente. Muito pouco para um autor tão importante na formação das disciplinas lingüísticas, ainda que ele próprio não possuía a sua.

O terceiro livro da coleção organiza-se de forma diferente. A partir do subtítulo isso já se evidencia: fundamentos epistemológicos. O objetivo é, então, “oferecer ao leitor um panorama das diversas perspectivas que constituem e que organizam a ciência da linguagem”, apresentando “as diferenças entre os programas de investigação científica e entre as várias orientações teórico-metodológicas que constituem a ciência da linguagem e sobre as quais esses programas e estas orientações encontram-se fundados” (IL 3: 7).

Os capítulos dos livros estão divididos da seguinte forma: (1) Estudos pré-saussurianos; (2) O estruturalismo lingüístico: alguns caminhos; (3) O empreendimento gerativo; (4) Os anos 1990 na gramática gerativa; (5) O funcionalismo em lingüística; (6) Formalismos na lingüística: uma reflexão crítica; (7) Do cognitivismo ao sociocognitivismo; (8) Virtudes do cognitivismo revisitadas; (9) O interacionismo no campo lingüístico; (10) Teorias do discurso: um caso de múltiplas rupturas; (11) Teoria semiótica: a questão do sentido; e (12) Três caminhos para a filosofia da linguagem.

O livro, além do já citado objetivo principal, também procura:

Perceber o valor histórico que cada programa, cada orientação possui e o papel de cada um(a) desempenhou(a) na construção de um sólido conjunto de conhecimentos sobre o fenômeno lingüístico; acompanhar as mudanças ocorridas no interior de cada um dos programas, em cada uma das orientações; compreender os movimentos por meio dos quais se promove a eleição de um determinado programa como paradigma científico dominante; notar as divergências internas e as seleções que vão sendo operadas dentro dos paradigmas para que estes sejam mantidos e transformados (...)

Obviamente não há espaço para discutir tais objetivos, que estão totalmente de acordo com a proposta deste trabalho, ainda que este em relação a uma só teoria. No entanto, assim como nos dois primeiros livros, não há em todos os capítulos o seguimento das questões propostas acima para o direcionamento do texto, o que fez com que cada autor procurasse escrevê-lo seguindo a sua percepção do campo a que se dedica. Isso é enfatizado pelas organizadoras que, embora desejassem os recortes clássicos de cada campo, depararam-se com reconstruções diferentes das quais geralmente fazem parte de obras semelhantes. O que se deu, segundo elas,

em função da própria condição de campo no Brasil, condição essa de efervescência e de constante movimentação e criação (...). É nesse sentido que esta obra apresenta uma especificidade na reprodução/reconstituição dos recortes, privilegiando, em outros momentos, orientações que foram criadas e/ou desenvolveram-se de forma especial no interior da lingüística brasileira. (IL 3: 11).

Desse modo, espera-se ao menos uma referenciação histórica ao papel de Benveniste na teorização própria ao campo da linguagem. Se Saussure é um apoio necessário para a cientificidade da lingüística, qualquer consideração epistemológica sobre as correntes da lingüística que se opuseram à divisão língua/fala deverão, igualmente, buscar apoio em Benveniste.

A primeira citação ao autor encontra-se no capítulo dedicado ao estruturalismo, no tocante aos movimentos que atestavam, nos anos 1960, o esgotamento do paradigma, na forma de revisões ou de ataques abertos que mostravam a desconsideração de alguns fenômenos lingüísticos essenciais. É nesse contexto que Benveniste é citado:

Uma dessas propostas de revisão provém de Émile Benveniste, um autor que, embora tenha trabalhado no sentido de aperfeiçoar e divulgar o programa saussuriano, e possa, nesse sentido, ser considerado um representante importante da escola, era bastante diferenciado, por seus interesses e por seus sólidos conhecimentos em lingüística histórica indo-européia. A grande crítica de Benveniste é que o estruturalismo teria negligenciado o papel essencial que o sujeito desempenha na língua. Uma inteira seção de seu *Problemas de lingüística*

geral (...) mostra que algumas estruturas centrais em qualquer língua (...) deixam de fazer sentido se a língua for descrita sem referência à fala e aos diferentes papéis que os falantes assumem na interlocução. Mostrou, dessa forma, que a fala está representada e por assim dizer prevista no sistema língua. (IL 3: 80-81)

Em uma nota de rodapé, também há uma citação ao autor: “À frente do seu tempo, Benveniste interessou-se por problemas de filosofia da linguagem, e foi um dos primeiros autores a publicar em francês sobre temas como os atos de fala e os delocutivos” (IL 3: 80).

Na citação mais acima, no tocante aos dois momentos do estruturalismo – auge e crise – o destaque a Benveniste é dado na medida certa da complexidade com a qual sua obra foi recebida e a herança que advém desse momento. Da estrutura à enunciação – ainda que isso não esteja explicitado no recorte acima, a citação reconhece no autor o caráter de precursividade na busca por outros caminhos, mesmo no momento em que o paradigma estruturalista era dominante, e ele um de seus representantes.

Se nesse primeiro momento a figura de Benveniste se reveste de seu caráter complexo, mas com destaque ao ineditismo de seus estudos, no capítulo dedicado ao interacionismo no campo lingüístico tudo se passa de forma diferente. Para se compreender a citação dada ao autor neste capítulo, é necessário, antes, compreender o que se coloca como lugar da interação na análise da linguagem.

A idéia é que, em um sentido largo do termo, poderiam ser considerados interacionistas os domínios da lingüística que se pautavam por uma posição externalista a respeito da linguagem, não se interessando apenas pelo sistema, mas pela sua relação com os “exteriores teóricos, com o mundo externo, com as condições múltiplas e heterogêneas de sua constituição e funcionamento” (IL 3: 312). Assim, a Sociolingüística, a Pragmática, a Psicolingüística, a Semântica Enunciativa, a Análise da conversação, a Lingüística Textual e a Análise do Discurso poderiam ser consideradas como portadoras de um interacionismo lingüístico.

No entanto, a autora afirma que, embora toda a ação humana preceda de

interação, o mesmo não pode ser aplicado ao que se entende por interacionismo lingüístico, pois essa expressão sofreu um esvaziamento semântico a partir do surgimento de vários termos para predicá-la ou qualificá-la epistemologicamente, como sociointeracionismo, interacionismo discursivo, interacionismo simbólico, entre outros. É por isso que ela defende uma diferenciação entre os termos interação e interacionismo, afirmando que a Lingüística tem se preocupado em delimitar a noção de interação verbal como ação conjunta, analisando-a como algo heterogêneo e historicamente situado.

Outro motivo que tem levado a uma confusão do termo interacionismo na Lingüística é a confusão com o conceito de comunicação, fazendo com que a interação seja pensada fora de sua ação constitutiva em relação a diversas situações, uma vez que *a linguagem tem por função primordial a comunicação* (IL 3: 317). Desse modo, o que é colocado como fazendo parte de Lingüística Interacional, a partir da noção de interação,

Configura um conjunto de questões ligadas a todo tipo de produção lingüística que é considerada material interativo: práticas. Estratégias e operações languageiras, dinâmicas de trocas conversacionais, comunicação verbal e não-verbal, construção de valores culturais, atividades referenciais e inferenciais realizadas pelos falantes, normas pragmáticas que presidem a utilização da linguagem, etc.

Segue-se a análise das teorias de autores considerados interacionistas porque tomam o campo como debate social, envolvendo relações entre reflexão e ação, em contraposição a uma aceção mais “simples”, na qual a interação envolveria questões ligadas à comunicação, conversação ou troca de informações. Merecem destaque, nesse sentido, a entrada do interacionismo na Lingüística via Psicologia, Sociologia e Filosofia.

Passa-se, após, por várias correntes e autores que, embora não possam ser tomados no sentido estrito dado pela autora para o interacionismo lingüístico, fizeram parte de uma precursividade histórica no tratamento do termo, até a seguinte citação:

Já as abordagens enunciativas ou discursivas não são consideradas ou não se reivindicam - pelo menos explícita ou diretamente – abordagens interacionistas. E isso a despeito, por exemplo, da enunciação ser definida como atividade (cf. Benveniste, 1974: 80), ou de estar ligada à noção de intersubjetividade, de interlocução, de argumentação, ou de serem focalizadas no campo das Teorias Enunciativas e no da Análise do Discurso conceitos bakhtinianos como dialogismo, polifonia, gênero discursivo, estilo. (IL, 3: 343).

O que a autora parece esperar é que, para se tornar interacionista, uma teoria não precisa apenas considerar os aspectos que ela mesma mencionara como fazendo parte de tal dimensão: é preciso “reivindicar” a posição. Parece ser necessário que se diga ser interacionista – ou seja, é a palavra que nomeia e define e não as concepções.

A referência a Benveniste, nesse trecho, só pode ser explicada se, a despeito da citação da enunciação como atividade (e, nessa medida, entre sujeitos que interagem através da língua), enfatiza-se a sua consideração da língua como instrumento de comunicação – na visão redutora, portanto, da noção de interacionismo. O que se deixa de considerar aqui são todas as demais considerações de Benveniste sobre esse aspecto:

A linguagem é para o homem um meio, na verdade, o único meio de atingir o outro homem, de lhe transmitir e de receber dele uma mensagem. Conseqüentemente, a linguagem exige e pressupõe o outro. (PLG II, p. 93)

A ‘comunicação’ deveria ser entendida na expressão literal de colocação em comum e de trajeto circulatório. (idem, p. 103)

Será realmente da linguagem [como instrumento de comunicação] que se fala aqui? Não a estamos confundindo com discurso? (PLG I, p. 284).

A polaridade das pessoas é na linguagem condição fundamental, cujo processo de comunicação, de que partimos, é apenas uma conseqüência totalmente pragmática. (idem, p. 286).

Muitas noções na lingüística, e talvez mesmo na psicologia, aparecerão sob uma luz diferente se as restabelecermos no quadro do discurso, que é a língua enquanto assumida pelo homem que fala e sob a condição de intersubjetividade, única que torna possível a comunicação lingüística. (idem: 293).

Poder-se-iam citar muitos outros trechos dos escritos de Benveniste que provam que sua concepção de linguagem, tornando a língua discurso através da enunciação, não está inserida em uma consideração “simplista” da autora da linguagem como instrumento de comunicação. Na verdade, importa discutir o que é uma concepção simplista e redutora da linguagem como meio de comunicação.

A idéia de que a linguagem deixa de ser vista, inicialmente, como forma de expressão do pensamento, depois como meio de comunicação para, finalmente, alcançar seu ponto mais “alto” como modo de interação fez com que a linguagem fosse sendo pensada em uma escalada não só ascendente, mas também avaliativa das correntes que ora a consideraram assim. Desse modo, “julga-se” o que era considerado á época a partir do que se tem como mais “completo” hoje. É nesse sentido que a apresentação da autora coloca a teoria de Bakhtin como o ponto alto da reflexão interacionista na linguagem⁶, ficando as demais correntes enunciativas e discursivas incompletas, dada a complexidade da teorização do autor russo.

Configura-se um outro tipo de redução à obra de Benveniste, de qualquer modo ligada à da crítica feita especialmente pela AD. Se nesta o problema era a consideração do sujeito fonte do dizer, na qual o outro não interfere no sentido, aqui o que ocorre é a desconsideração mesma do outro, dando-lhe um lugar ainda mais insignificante no processo de interação, o qual só poderia ser considerado em uma visão mais abrangente como a do dialogismo. A autora, finalizando, destaca,

Para os propósitos deste texto, é importante salientar que os estudos oriundos da Análise da Conversação, das teorias enunciativas, da Lingüística Textual e da Análise do Discurso rompem com a perspectiva algo programática esboçada nos anos 1960, levando com peso teórico distinto a interação à condição de princípio explicativo dos fatos de linguagem. e isso se dá pela inclusão no quadro teórico geral desses domínios da Lingüística, da noção de interação como parte da explicação para a questão do sentido. É precisamente este o enfoque digno de nota de uma perspectiva trazida à Lingüística pelo viés do dialogismo postulado por Bakhtin.

Conclui, então, pelo lugar periférico da interação em Benveniste em relação ao lugar central da de Bakhtin. Confirma-se o caráter de completude e incompletude de uma teoria lingüística, em um movimento avaliativo que em nada colabora para o entendimento da complexidade das correntes da linguagem tomadas por si mesmas e em si mesmas.

Essa mesma dimensão comunicativa de Benveniste é destacada no capítulo dedicado à Semiótica, na terceira parte, denominada Enunciação e semiótica.

Considerando que a problemática da enunciação foi relegada a um segundo plano, na inserção da semiótica de base greimasiana no estruturalismo dos anos 1960, os autores colocam que, além do primado do enunciado e da recusa do subjetivismo, dois aspectos sustentavam o distanciamento da enunciação: o primeiro era o princípio da imanência que pensava a enunciação como pressuposição, ou seja, “os elementos do enunciado pressupõem a existência de um sujeito (da enunciação) que os realiza, mas que não se descreve”; o segundo é a incorporação da noção de uso “por meio da herança hjelmsleviana que entende a enunciação individual como subentendida ao conjunto de hábitos lingüísticos de uma determinada sociedade.” (IL 3: 411).

É nesse quadro histórico que a novidade do enfoque benvenistiano é referida:

A década de 1970 representa uma mudança de paradigma dos estudos da linguagem na medida em que as propostas do estruturalismo em lingüística são questionadas e a esse período se segue o dos estudos que enfocam a enunciação. Dentre todos os trabalhos produzidos nesse domínio, os que mais se destacam e os que mais vão influenciar as discussões dos semioticistas são, sem dúvida, os de E. Benveniste. (IL 3: 411).

O que é destacado a seguir é o fato de a linguagem em Benveniste ser pensada no contexto da comunicação, destacando-se a relação entre duas pessoas, o contexto situacional e o contexto pragmático. Assim, os pronomes, as circunstâncias de tempo e de lugar são tomadas a partir do ato de comunicação,

sendo que uma breve explicação desses fatos, na teoria do autor, que interessam à pragmática é apresentada. Concluindo, os autores afirmam que a integração das propostas dos trabalhos de Benveniste à economia geral da teoria semiótica foi responsável pela colocação em relevo da problemática da enunciação no discurso.

O que se apresenta, neste capítulo, é o caráter de precursor da enunciação de Benveniste, não se tratando de uma apreensão crítica, mas sim do recorte de temas que interessam à problemática tratada pela semiótica. Aqui, diferente dos demais capítulos, o lugar histórico da teoria do autor é referenciado, ou seja, é tomado como caminho necessário para o estabelecimento dessa corrente. A disciplinarização do campo se faz, então, a partir de uma reconstrução histórica, que não pode deixar de fazer alusão a Benveniste, uma vez que considera o fenômeno da enunciação.

Considerações finais

Como última consideração, pode-se dizer que, em uma obra tão vasta e importante, as referências a Benveniste são muito poucas. E, quando acontecem, não são reveladoras da importância histórica de seu papel no estabelecimento da lingüística moderna.

Hoje, no Brasil, se se tomar esse manual como objeto de entrada no conhecimento da ciência que trata a linguagem, não se vai ter a noção exata da questão da enunciação e da subjetividade propostas por Benveniste no estabelecimento de uma lingüística externa, ou seja, que escapasse ao imanentismo do tratamento da língua ou da competência. Tudo se passa como se cada disciplina não formalista se estabelecesse “solta”, livre das amarras que a ligavam a Saussure – esse sim referido sem falta, tanto para reiterar ou retificar, no movimento necessário de cientificidade de base disciplinar – por um gesto solitário, creditado muitas vezes àquele que é considerado o fundador e precursor de cada corrente.

A Benveniste, pouco parece ser devido, muito a ser criticado e outro tanto a ser esquecido.

Notas

¹ Organizada por F. Mussalim e A. C. Bentes em três volumes, conforme bibliografia.

² Não se quer afirmar aqui que um professor de lingüística trate exclusivamente a sua área. Não se pode esquecer a formação geral dada nos cursos e na pós-graduação de Letras e Lingüística e que habilita para o magistério nas diversas disciplinas da área.

³ Puech trata, na sua teoria, tanto do mundo escolar quanto da universidade. Interessa-lhe, no entanto, mais especificamente, a transposição da enunciação para o ensino de francês, principalmente nas instruções oficiais, ou seja, nos documentos de orientação dirigidos aos professores. Para este trabalho importam os modos de apropriação da teoria nos manuais já citados voltados ao nível superior.

⁴ A referência às obras será feita da seguinte forma: *IL 1; IL 2 e IL 3* para *Introdução à lingüística*, volumes 1, 2 e 3.

⁵ As questões sobre enunciação e pragmática são complicadas em virtude do caráter duplo da própria palavra. Pode-se, assim, tratar a enunciação como domínio que exige a consideração de uma dimensão pragmática ou como um dos objetos da Pragmática.

⁶ Não sendo possível esclarecer adequadamente esse ponto devido ao espaço que tomaria, remete-se ao texto em questão para maiores esclarecimentos ou mesmo concordância (ou discordância) da posição assumida aqui.

Referências Bibliográficas

BENVENISTE, É. *Problemas de lingüística geral I*. 4 ed. Campinas: Pontes/Editora da Universidade de Campinas, 1995.

_____. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

CHISS, J.-L. e PUECH, C. Saussure et la constitution d'un domaine de mémoire pour la linguistique moderne. *Langages*, Paris, n. 114, jun., 1994.

_____. Linguistique structurale, du discours de fondation à l'émergence disciplinaire. *Langages*, Paris, n. 120, p. 106-126, dez., 1995.

DOSSE, F. *História do estruturalismo*. v 2: o canto do cisne, de 1967 aos nossos dias. São Paulo: Ensaio; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994.

HENRY, P. Os fundamentos teóricos da “Análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, F. e HAK, T (orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

MUSSALIM, F., BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*, v. 1. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*, v. 3. São Paulo: Cortez, 2004.

NORMAND, C. Le sujet dans la langue. *Langages*, Paris, n. 77, p.07-19, mars, 1985.

_____. Lectures d’Emile Benveniste. *Língua e literatura*. São Paulo, n. 21, p. 29-46, 1994/1995.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (ADD-69). In: GADET, F. e HAK, T (orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

PUECH, C. Benveniste et la representation de la “discipline linguistique”. *LINX* - Émile Benveniste vingt ans après, Nanterre, numéro spécial, 1997.